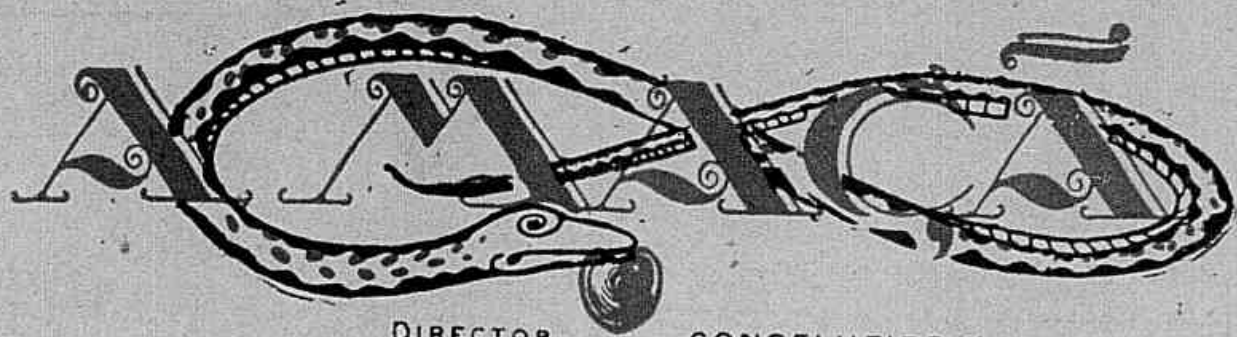




DIRECTOR

CONSELHEIRO X. X.



P. 76

"FLUXO-SEDATINA"

**O grande remedio
das senhoras**

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorrhagias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorrhagias Antes e Post Partum.

Os directores de hospitaes, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

Em todas as Pharmacias e Drogarias



Só tem boa saúde, vigor e energia quem tem o sangue isento de SYPHILIS



A SYPHILIS interna ou externa, contrahida ou herdada, é sempre nociva nas suas variadas manifestações e terríveis consequências, pelo grande numero de doença que proporciona, aniquillando a vontade, a energia, a alegria e a saúde, enfim.

A SYPHILIS é tão nociva que, atacando impiedosamente qualquer órgão do corpo humano, localizando-se neste ou naquella, se torna a causa unica e preponderante das multiplas doenças do systema nervoso, do estomago, figado, rins, coração, pulmões, etc.

A SYPHILIS é sempre a causadora de muitos males julgados incuraveis, — de diagnosticos incertos, nos quaes o clinico intelligente e previdente, após variadas medicações e na impossibilidade de resultado, tem que admittir-a como causa e empregar os meios indicados para combatel a.

A SYPHILIS não deve ser esquecida e nunca devemos, nos casos em que as medicações apropriadas para o mal não dão o resultado esperado, deixar de usar um bom depurativo do sangue, como medida acertada.

Uma medicação depurativa e tónica impõe-se e nenhum remedio está mais em condições de dar os resultados precisos e desejados como

TAYUYA'

de S. João da Barra

DEPURATIVO E ANTIRHEUMATICO

que além de eliminar do organismo o terrivel virus syphilitico, tem a vantagem de regularizar e activar as digestões, despertar o appetite, e dest'arte levantar as forças do doente, tornando-o **FORTE E BEM DISPOSTO**.

É um remedio de sabor agradável, facilmente acceto pelos doentes, bem tolerado pelo estomago o mais fraco e que pôde ser usado constantemente, sem que em nada prejudique ao organismo sem que, por si, requeira dieta alguma. Não é um remedio novo; é de ha muito conhecido e usado por medicos e particulares, que delle têm feito os mais francos elogios como provam os innumerados attestados que possuímos.

A' venda em qualquer Pharmacia ou Drograria do Brasil e Republicas do Prata

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director : Conselheiro X. X. — Proprietario :
Humberto de Campos. — Redacção : Rua da Quitanda, 59

ASSIGNATURAS**Estados :**

Anno..... 25\$000
Registrado (Anno)..... 50\$000
Numero avulso..... \$600

Capital :

Numero Avulso..... \$500
• aforzado \$600

Exterior :**Porte simples**

Anno..... 50\$000
Semestre..... 30\$000

Registrado

Anno..... 60\$000
Semestre..... 35\$000

Agentes para os Estados :

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bettencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios :

1 pagina..... 200\$000	1/3 pagina..... 35\$000
1/2 pagina..... 110\$000	Capa a duas côres..... 450\$000
1/4 pagina..... 60\$000	• • frez • 600\$000

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Tratar na administração: Quitanda, 59

AO COMMERCIO

Devido á nossa firagem, crescente, a administração das officinas onde é impressa esta revista exige a entrega de originaes e fechamento da paginação na segunda-feira de cada semana, afim de poder confeccionar com tempo a expedição de quinta-feira para os Estados, e entrega ao distribuidor da cidade, na sexta-feira. Assim sendo, pedimos aos nossos amigos annunciantes, a fineza de nos fornecerem os seus originaes aos sabbados ou, no maximo, ás segundas-feiras, até 3 horas da tarde.

Numeros atrasados, encontram-se :

LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Rua Bettencourt da Silva, 15, 17 e 19 — **Rio de Janeiro**

BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78 — **Rio de Janeiro**

ANTONIO DE MARIA

Rua da Boa Vista, 5 - A — **São Paulo**

JOSÉ D'AMORE

Rua Álvares Cabral, 39 — **Ribeirão Preto**

PASCHOAL SCHIAMARELLA

Rua da Imperatriz, 245 — **Recife**

JOSÉ CALIXTO DE FREITAS

Plano Inclinado do Gonçalves — **Bahia**

**GERMICIDA E TONICO
AO MESMO TEMPO**

A Preparação do Dr. Crossman é um medicamento liquido interno para a Gonorrhéa, Gotta Militar e todas as enfermidades infecciosas das Vias Genito-Urinarias, e igualmente effeaz em ambos os sexos.

A Preparação do Dr. Crossman não só mata os germens, como também augmenta o poder dos tecidos debilitados para repellir os germens invasores e reparar os estragos causados pela enfermidade, evitando ao mesmo tempo possiveis complicações. Nenhuma injeccões ou irrigações são necessarias.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre o que outros methodos de tratamento só promettem. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

A venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

GUARANT**TONICO SUPREMO**

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphates, não vomica, etc.

Comp: de Loterias Nacionaes do Brasil

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

Rua Visconde de Itaborahy N. 66

Hoje, 1 de Setembro, ás 3 horas da tarde

200:000\$000

Bilhete inteiro 18\$000

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 10. de Março, 110

10⁰% e 20⁰%

é o desconto que offerece á sua distincta
clientela a casa

ROYAL STORE

em artigos de Inverno,
para dar lugar á arrumação do "stock"
para a ESTAÇÃO vindoura.

Occasião unica para aquisição de
artigos de primeira qualidade, a preços
verdadeiramente convidativos.

187, OUVIDOR, 189

PHONE: NORTE 6717

NOVIDADE DO DIA



CONSELHEIRO X. X.

ACABA DE APPARECER

A BACIA DE PILATOS

5.º volume de chronicas
do CONSELHEIRO X. X. rela-
tivas ao anno de 1922

GRANDE VOLUME DE 430 PAGINAS:

BROCHADO..... 6\$000 | ENGADERNADO..... 7\$500

VOLUMES ANTERIORES:

I – Valle de Josaphat.

II – Tonel de Diogenes.

III – A Serpente de Bronze.

IV – Gansos do Capitolio.

BROCHADO.... 5\$000 | ENGADERNADO 6\$500

EDITORA:

GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

RIO DE JANEIRO

TONICO MODERNO

— Dê-me C. 2 5 2 9.

E' o escriptorio do Dr. Zacharias?

— E' minha senhora; deseja fallar-lhe?

— Alô! é o Chiquinho?

— Sim... meu amor — é elle mesmo...

— Não te esqueças da promessa; vem mais cedo, no 3.50, pois a temperatura aqui está muito fria, as minhas noites aqui em Petropolis tem sido insipidas, sem a tua companhia.

— Sim!? — subirei no 3.50 ou 4.30.

— Alô — oh! Chiquinho ia-me esquecendo da encomenda que me fez a Yvonne. Ella pediu-me para comprares ali em qualquer drogaria ou na rua da Quitanda dezesete um vidro de sexual do qual faz uso o Dr. Martinho, o velhote do marido della; não te esqueças; pois ella m'o recommendou insistentemente...

Alô — Alô... Já querias desligar? Espera um pouquinho, lembrei-me que talvez fosse conveniente trazeres dois vidros do sexual, um para experimentares, pois que andas tão esgotado e fatigado com os teus negocios, fôro, tribunaes etc...

— Sim, amorinho, vou adquiril-os, mesmo porque o Souza já m'o havia recommendado como optimo.

Até logo á noite... adeus!



SEXUOL

NAS DROGARIAS

EM S. PAULO
Rua Quintino Bocayuva, 18

TUBO
Preço 10\$000

DEPOSITOS:

Redolphe Hess

Drogaria Baptista

» Gesteira

» Rodrigues

» Ruffier

» Central

» Granado

» V. Silva

» Gomes

» Pacheco

Brinquedo perigoso

A familia vive em Copacabana, em uma rua transversal, quasi na praia. Mademoiselle, interessantissimo typo de oxigenada, nutre por um primo, estudante de medicina, uma dessas amidades que acabam estreitando ainda mais o casamento.

Uma destas noites, já dez horas, haviam ido os dois deitar na areia, quando a mãe de mademoiselle chamou a filha mais nova, de seis annos, ordenando-lhe:

— Vae alli na praia, e vê se tua irmã e teu primo estão lá.

Um momento depois regressava a menina.

— Estão, sim, senhora.

— Que é que elles estão fazendo?

— Não sei, não, mamãe; mas, parece...

E sem dar importancia á frase:

— Que elles estão brincando de casados...

Agencia do "Publicações Mundiaes" do Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Contos do vigario - interessante livro de blague...	2\$000
Enciclopedia do amor-grande collecção de phrases, pensamentos e aneddotas.....	8\$500
A vespera do noivado - conselhos aos noivos e aos recém-casados.....	1\$500
Mysterios do leito conjugal - descripção circumstanciada dos grandes phenomenos intimos, excessos conjugaes, etc.....	1\$500
Perseverança no amor - por Eduardo Green.....	1\$500
A filha do peccado - novella realista de Invernizio..	1\$500
Memorias de uma criada de servir - interessantissimo romance de aventuras galantes.....	8\$000

Bibliotheca Sexual a 1\$000

O casamento - Onanismo - O acto breve - Hygiene Sexual
Amores Lesbios - Segredos da casamento - O coito e o amor - A syphilis - Histerismo

Amores senis.....	1\$500	O modelo vivo	3\$000
Arte de gozar saude	2\$000	A beira do leito....	1\$500
Arte de se fazer amar	\$500	A filha perdida....	1\$500

Collecção Garota a 200 réis

Um passeio ao campo || Uma aventura de amor
A ceia de Cleopatra || O banho de Adalina

Da vida que passa - "fitas" por Armando Ferreira	1\$500
A tentadora - contos galantes	1\$000
Loucura de amor - contos galantes.....	1\$000
Soror Maria das Dores	1\$000
Um passeio a Franciscana - novella ornada com 14 illustrações.....	2\$000

(AVISO) — Pedimos aos nossos freguezes a maior clareza nos endereços para evitar extravios.

Artigos de câmbio a 12!!

Depois de um trabalho metódico de remarcação em todo o seu grande, variado, fino e chíc "stock" de artigos especializados para homens, rapazes, cama e meza, reabre hoje suas portas para uma venda a preços excepcionaes para liquidação, a antiga e acreditada

CASA ESTRELLA

OUVIDOR 34

A Casa Tedesco

Lembra a v. ex. que acaba de por em execução o systema
AMERICANO!!!

Vender barato para vender MUITO. APROVEITEM

 **Grande venda de ocasião** 

Tecidos de Lã, Sedas, Velludos, Flanellas. Eponge, Charmeuse, Crepe da China, Georgette, Voilagens, Filós, Linhos, Cambraias.

MORINS, CRETONES, ETC.

Grande variedade em blusas de seda e de Lingerie e casacos de malha de lã e de Jersey de seda a preços nunca vistos.

9, Rua Gonçalves Dias, 9

OLHOS Inflammaciones e purgações
USE O
"COLLYRIO MOURA BRAZIL"

≡ CIDALGINA ≡

Heroico medicamento contra qualquer dôr

Efficaz, poderoso e infallivel nas dores de cabeça, nevralgias, enxaquecas, etc.

DEPOSITARIOS:

**Ourives, 88; S. Pedro, 82; Andradas, 29
e Sete de Setembro, 61**

FORMOSINA

Amacia, Perfuma e dá côr.

Aformosêa o rosto e realça

a belleza.

**Faz desaparecer espinhas,
cravos, manchas, sardas, pannos, etc.**

DEPOSITARIOS:

**Ourives, 88, S. Pedro, 82
e Andradas, 29**

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

**Especialista em molestias de senhoras e crianças, em
syphilis e vias urinarias.**

Applia injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 às 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066

NUMEROS ATRAZADOS

**d'A MAÇA, nas livrarias
Leite Ribeiro e Braz Lauria, á rua
Gonçalves Dias, 78 - RIO.**



Os Quatro Cavalleiros do Apocalypse

Leiam a traducção deste maravilhoso romance, obra prima de Blasco Ibañez, a sahir brevemente no folhetim do "Imparcial."

**"PARA REMODELAR A
FACHADA"**

CASA YORK

ASSEMBLÉA, 22 a 26

(Esquina R. Carmo)

Liquida todo STOCK

ARCHITECTURA

Construcções e Reconstrucções de prédios

Projectos e anti-projectos

Eduardo Walsh

Engenheiro Constructor

Rua Uruguayana

174

**Banhos de mar
em casa**

(Saes extrahidos da agua do mar)

Vendem-se a 600 réis, nas principaes pharmacias e drogarias e na Rua 1.º de Março, 151 — Exijam a marca registrada onde se lê: "Banhos de mar em casa"; unicos analysados e recommendados por distinctos clinicos desta Capital.



EXECUTA-SE
COM PERFEIÇÃO
QUALQUER
TRABALHO
EM
GRAVURA CHIMICA,
PARA LIVROS, CATALOGOS,
REVISTAS ETC.

ACCEITA-SE
ENCOMENDAS DOS ESTADOS.

Photogravura "Imparcial"

TELEP. NORTE 7620

Edgard Silva
PHOTOGRAVADOR

Rua da Quitanda, 59-3.º and.

(EDIFICIO D'O IMPARCIAL)

Machinismo movida a electricidade
Material de primeira ordem, da fabricante inglez HUNTERS



Ao amanhecer d'aquelle dia de verão, o dr. Eugenio Fortuna levantou-se do leito, espreguiçou-se com volupia, enfiou os pés nas sandalias de couro macio, e passou ao banheiro, para a primeira «toilette». O pyjama largo, de listas brancas e vermelhas, pendia-lhe do corpo magro como a pelle de um animal gordo, emmagrecido de subito. O cadarço largo, de amarrar, descia-lhe até o joelho, em uma ponta só, lembrando um cordão umbelical, molle e branco, deixado em abandono.

Passada a escova no cabello grisalho, passou o conhecido clinico ao aposento contiguo, onde dormia Dona Orminda, com a filha pequena. A moça estava na cama, os olhos cerrados, o braço passado, mollemente, por baixo da pequena, — uma criança robusta, forte, morena, de quasi um anno.

— Bom dia, Mindal!
— fez, ao dar-lhe o beijo na testa.

A resposta da linda senhora foi uma queixa:

— Oh, Eugenio! é preciso, hoje, pôr um

paradeiro a este horror. Esta menina não me deixou dormir um instante, durante a noite!

— Mamando?

— Mamando, sim. Passou a noite a reclamar o peito, e, como não tem mais leite, choramingou até ás tres horas, quando dormiu.

E tomando na mão esquerda, entre o pollegar e o indicador, o bico do seio redondo e pequeno, espremeu-o, com singelleza:

— Está inteiramente vasio!

De pé, ao lado da cama, o dr. Fortuna olhava-a, as mãos na cintura.

— Eu vou dar um remedio para desmamal-a. Basta uma capsula de pyramidon, ou de antipyrina.

E afastando-se:

— Espera ahi um pouco.

Momentos depois, entrava o doutor no quarto da mulher, trazendo uma hostia pequena, que lhe entregou.

— Esmaga esta capsula, e põe, depois do banho, um pouquinho do pó no bico do seio. E' o melhor processo para as creanças

PRUDENCIA



— Não, sr. Heltor, agora não. O senhor não vê que o leitor está nos olhando?

PARA VESTIR BEM

ALFAIATARIA provida de um stock colossal de casemiras de todos os generos e servida pelos mais habéis cortadores da cidade.

PREÇOS CONSCIENCIOSOS

PARC ROYAL

A maior e a melhor casa do Brasil



BIOTONICO
FONTOURA
O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE



Os Mestres do Humorismo

LOCUÇÕES COMPLACENTES

por GEORGES COURTELINE

SCENA I

Alcova conjugal. Um raio de sol penetra pelas persianas.

O SENHOR (consultando o relógio) — Bolas! Oito da manhã! E Totó que me espera às nove! E é mulher capaz de pôr-me de quatro pés, na rua, por um atraso de dez minutos... E' preciso pressa!

Lança um olhar á senhora que dorme ao seu lado. A senhora é appetível; vinte e cinco annos; morena; no decote da camisa, guarnecido de uma fita cõr de ouro velho, destaca-se a deliciosa brancura da pelle. O senhor vacilla; inclina-se; volta a levantar-se enquanto a

orchestra toca, em surdina, um trecho de musica dulçorosa. Emfim, o homem decide-se, fazendo um esforço.

O SENHOR — E' preciso ser razoavel, amigo meu. Em vespervas de usar da palavra, não deves dissipar teu folego em vã conversação. Necessitas administrar sabiamente a tua precária eloquencia... (Põe uma perna fóra do leito).

A SENHORA (despertando) — Vaes te levantar?

ELLE (á parte) — Aqui a temos!... (Em voz alta). Não estás vendo?

ELLA (languida) — E' muito cedo ainda...

ELLE (terno) — Meu amor! Não me queiras fazer soffrer mais do que estou soffrendo! Pensas que não lamento ter que me apartar tão cedo do teu lado?... (Á parte). Que braços tem ella! (beija-lhe o braço). E que espaduas! (beija-lhe a espadua). E que collo! (beija-lhe o collo) (á parte). Meu velho! Não faças tolices; tens o tempo marcado.

ELLA — Demóra um pouco mais, Aristides!

ELLE (vacillando) — Só um pouquinho?

ELLA — Sim!

ELLE — Pois, bem... Não podes imaginar, Magdalena, como és bonita quando accórdas. Tens uma bocca... que é um sonho e... (á parte) Aristides, muito cuidado com a extincção da voz.

ELLA — Assim?

ELLE — Olha... (com resolução). Não! Decididamente não posso ficar. Tenho uma entrevista.

ELLA (terna) — Fica! Existem razões especiaes... para que tu fiques!

ELLE (com os olhos brilhantes) — Si ha? (In-

clina-se. Silencio. Um beijo demorado. Sôam no relógio duas pancadas). Oito e meia! (Salta da cama).

ELLA — Aristides!... Aristides!...

ELLE (vestindo a calça) — Não me peças impossiveis! (á parte). Si fica tarde para chegar á casa de Totó! Valente barulho vae ella armar!...

ELLA — Está bem! Has de te arrepender...

ELLE (um pouco impaciente) — Que diabo! Eu tenho meus negócios, mulher! Não sejas cacete!

ELLA (dando meia volta) — Vae-te para... teus negócios! Verás!... (Elle veste-se a toda a pressa, e sae).

SCENA II

No Boulevard. Onze da noite.

ELLE (andando depressa, um cigarrião entre os labios) — Cheguei esta manhã á casa de Totó com vinte minutos de atraso e succedeu o que eu temia: negou-se a abrir-me a porta. Depois de muito chamar, de soltar lamentos desesperados, e mugir uma porção de desculpas, tudo isso do lado da rua, decidi-me a voltar para casa. Mas, ó desgraça! Magdalena já se havia levantado... Passei um dia insupportavel; no estado de animo do orador que, tendo ideado um bom discurso, não encontra onde o soltar... Emfim, são onze. Dentro de dez minutos minha mulhersinha estará deitada, e eu com ella. Assim, ao menos, não se me perderá o discurso...

SCENA III

O mesmo ambiente da primeira scena. A senhora, o cotovello apoiado numa almofada, lê uma novella de Paul Bourget. A luz da lampada se reflecte no sua espadua desnuda.

ELLE (entrando) — Bôas noites, filhinha!

ELLA (sem levantar a cabeça) — ...ôites...

ELLE — Hoje não poderás dizer que eu vim tarde.

ELLA — ...

ELLE (tirando os sapatos) — Não viste ninguém?

ELLA — ...guém.

ELLE (á parte) — Coitadinha! Dura ainda o aborrecimento! Vamos regularizar tudo (escorrega entre as cobertas). Como a gente está bem em casa! Ao lado da sua mulhersinha querida... (silencio).

ELLA (de prompto) — Ah!... Deixa-me

Cont. em FOTIN 3

UM MAL ENTENDIDO

Pelo Capitão Trancoso



O trato do cafeeiro é, como pouca gente sabe nas cidades, um dos mais trabalhosos. Durante o anno todo, o fazendeiro tem trabalho: é a capinação, é a limpa, é a accumulação de folheto no pé do arbusto, é o corte, duas ou tres vezes, dos galhos mais perto do chão, que, sendo improductivos, só podem contribuir para o enfraquecimento da planta e prejuizo da produção. A este ultimo trabalho, dão os fazendeiros a designação, aliás apropriada, de «suspender a saia». Suspender a saia significa, assim, despir o tronco do cafeeiro, fazendo começar os galhos de uma certa altura do solo.

Essa expressão, tão singella na sua origem, ia, entretanto, dando ensejo a uma verdadeira conflagração na zona de Ribeirão Preto. Proprietaria de uns oitocentos mil pés de café, a viuva Leticia Rocha era, ainda, appetecivel. E estava noiva do dr. João Balduino Meira, advogado no Rio, quando este, de viagem para as

fazendas da viuva, ouviu, no trem, proferir o nome da virtuosa senhora. Aguçou o ouvido, e ouviu a conversa. Eram dois fazendeiros que conversavam e um dizia:

— A dona Leticia é que está bem; sabe?

— Deveras, homem?

— Então!...

E confidencial:

— Este anno já «levantou a saia» duas vezes!...

Como uma féra, o dr. Balduino pulou entre os dois. E só veio a saber o que essa expressão significava, quando lavraram o auto, por tentativa de morte na pessoa do coronel Romão, um dos homens mais honestos de toda aquella região de São Paulo.

Capitão Trancoso.



tomarem horror ao peito.

A's onze horas, estava o dr. Fortuna no banho, quando soou, na sala de jantar, a campainha de alarme, espremida no portão. Do fundo da banheira, onde se ensaboava, imaginou, logo: ou era algum cliente, ou, então, o Athanasio Rocha, primo da Orminda, que ia, sempre, duas ou tres vezes por semana, almoçar ou jantar.

Ao sahir do banheiro, vira o honrado especialista que accitara, na segunda hypothese. Era, mesmo, o Athanasio, que, não só, almoçara com o casal, como ainda ficara a conversar com a prima, na occasião em que o dono da casa se despedira, afim de ir fazer, antes do consultorio, algumas visitas domiciliarias.

Os doentes eram, nesse dia, os mais distantes, uns dos outros. Um era na Gavea; outro, nas Laranjeiras; e o terceiro no Engenho de Dentro, perto da estação. Isso não impediu, entretanto, que o dr. Fortuna já estivesse ás quatro e meia no consultorio, quando alli appa-

receu, visivelmente abatido, o Athanasio Rocha.

— Diga ao Fortuna que o Athanasio está aqui, — pediu ao porteiro, um mulato amarello, que desapareceu, logo, por traz de um reposteiro.

Alguns instantes mais, era o recém-chegado recebido, com familiaridade, pelo doutor.

— Que é isso, rapaz? — fez este, logo, ao vel-o entrar.

— Doença, meu velho! — declarou o Rocha, desanimado.

E, logo:

— Parece que estou doente do estomago: sabes?

— Tu?

— Eu, mesmo.

Fez um engulho:

— Tu não imaginas o amargor que eu estou sentindo na bocca!...

E cuspiu na escarradeira, careteando.

FIGURAS PROMISSORAS

ALVARO MOREYRA



Ah! por 1910, começaram a aparecer no «Fon-Fon», escandalizando os velhos sonetistas consagrados pela veneração publica, uns poetas que se singularizavam em tudo: na extravagância do metro, na originalidade das imagens, na subtileza dos symbolos, no conjuncto, enfim, da sua poesia. Patrocinava-os a bondade bohemia de Mario Pederneiras, e eram cinco ou seis, entre os quaes Felipe de Oliveira, Marcello Gama e Alvaro Moreyra. Procediam todos do Rio Grande do Sul, tendo, cada um, o seu grão de sensibi-

lidade e de inspiração.

Do grupo, o mais frequente nas suas manifestações literarias era, entretanto, o ultimo. A sua poesia tinha uma doçura nova, parecendo tecida com os fios de treva e de sol, muito tenues, muito vagos, que elle proprio vira nas mãos de sete sombras misteriosas, em um dos seus poemas deliciosos.

Alvaro Moreyra andava, então, pelos vinte e um ou vinte e dois annos, e parecia ter quinze, ou dezeseis. Carinha gorda e rosada, de recém-nascido; queixo petulante e retorcido, como o das creanças gorduchas dos annuncios de talco americano. — recordava, baixote e redondinho, esses meninos bem comportados que são a inveja dos outros, nos seminarios. Usava um pince-nez forte, de myope, e com tal graça, com tão accentuada destincção, que se tornou, logo, o «leader» mundano dos companheiros.

Antigo discipulo de um internato de padres allemães, perguntara-lhe um d'elles, o padre Rick, no dia em que elle se fôra despedir, deixando o collegio:

- «Endon, Morrêra, que vae fazer agora?»
- Vou estudar Direito, — informou Alvaro.
- «Direito»? — fez o professor de batina.

E num gesto de desanimo:

- «Vae, Morrêra, vae. Você nunga serrá nada na vida!»

Embarcado para o Rio, realizou aqui o desejo paterno, conquistando o diploma de bacharel. A prophesia do padre Rick pesava-lhe, porém, como uma praga. Mal tomava da penna para redigir, com a sua letra esticada e alta, umas razões, soavam-lhe aos ouvidos, como badaladas de um sino, as palavras do allemão:

- «Você nunga serrá nada na vida!»

Irritado com a perseguição sonora daquella voz, resolveu fazer versos, esperando que o Destino lhe indicasse, um dia, outro rumo.

Secretario da revista em que principiará a escrever, tornou-se, pelo seu talento, pela sua bondade, pela sua modestia a figura primacial da geração. Tendo nas mãos um elemento de victoria, um apparelho magnifico para propaganda dos proprios meritos e da propria pessoa, nunca se prevaleceu d'elle, em beneficio do seu nome. Ao contrario d'isso, procurava, sempre, ceder o lugar aos companheiros, reco-

llendo-se a uma penumbra discreta, que punha em destaque ainda maior o seu grande merecimento. Um facto, entre muitos, demonstra essa virtude, tão rara, hoje, nos homens de letras. Era Alvaro Moreyra secretario do «Fon-Fon» e preparava um numero de Natal, com uma variada collaboração, da qual constava uma pagina sua, em verso, especialmente feita para o numero. A' ultima hora, com o jornal cheio, appareceu um amigo, que pretendia collaborar naquella edição especial.

— Pois, não! — fez o poeta, com a sua risonha amabilidade; — supprime-se uma das paginas para entrar esta.

E para o paginador:

- Tira a minha pagina; sahirá esta, no lugar...

Já de nome feito, publicou «A legenda da luz e do silencio», poemas pequeninos, consubstanciadores de belleza e de sentimento, verdadeiras joias, no seu genero. Depois, vieram outros, até que a prosa o absorveu, dando-nos, então, «Um sorriso para todas», «A cidade mulher», além de pequenos estudos esparsos, que serão, amanhã, o tijollo de novos edificios.

Na sua especialidade como miniaturista, Alvaro Moreyra incomparavel. As suas chronicas pequeninas, meudas, graciosas, fazem lembrar Bamville, na ondulação, na vivacidade, na harmonia dos periodos. Na prosa ou no verso, é, sempre, um ourives.

Ha dois ou tres annos, entendeu que devia ser inglez. Comprou um cachimbo, encheu-o de tabaco forte, acendeu-o e começou a chupar fumaça. Em algumas horas estava tonto como um catavento. Um dia, acostumou, e tornou-se um perigo. Na Avenida, o cachimbo de um lado, o chapéo desabado em cima dos olhos, andava em passos medidos e largos, batendo a sola do sapato com força. A impressão, que elle tinha de si mesmo, é de que era, no minimo, da altura do «Jornal do Brasil».

Atacado pelos companheiros, deixou o vicio; mas apanhou outro: chupar o pollegar da mão esquerda. No trabalho, na rua, no cinema, é aquelle o seu encanto.

— Você acha que chupar o dedo é cousa que de-leite? — indagou, um dia, um amigo.

— Eu não acho que dê leite, não, — confessou o Alvaro. E envergonhado:

- Mas, sempre dá um gôstinho...

Convidado, ha uns oito annos, para secretariar a Empresa Pimenta de Mello, proprietaria do «Malho», do «Para Todos», do «Tico-Tico», e de outras publicações, consagrou-se a esses semanarios com o sacrificio, embora, das suas letras.

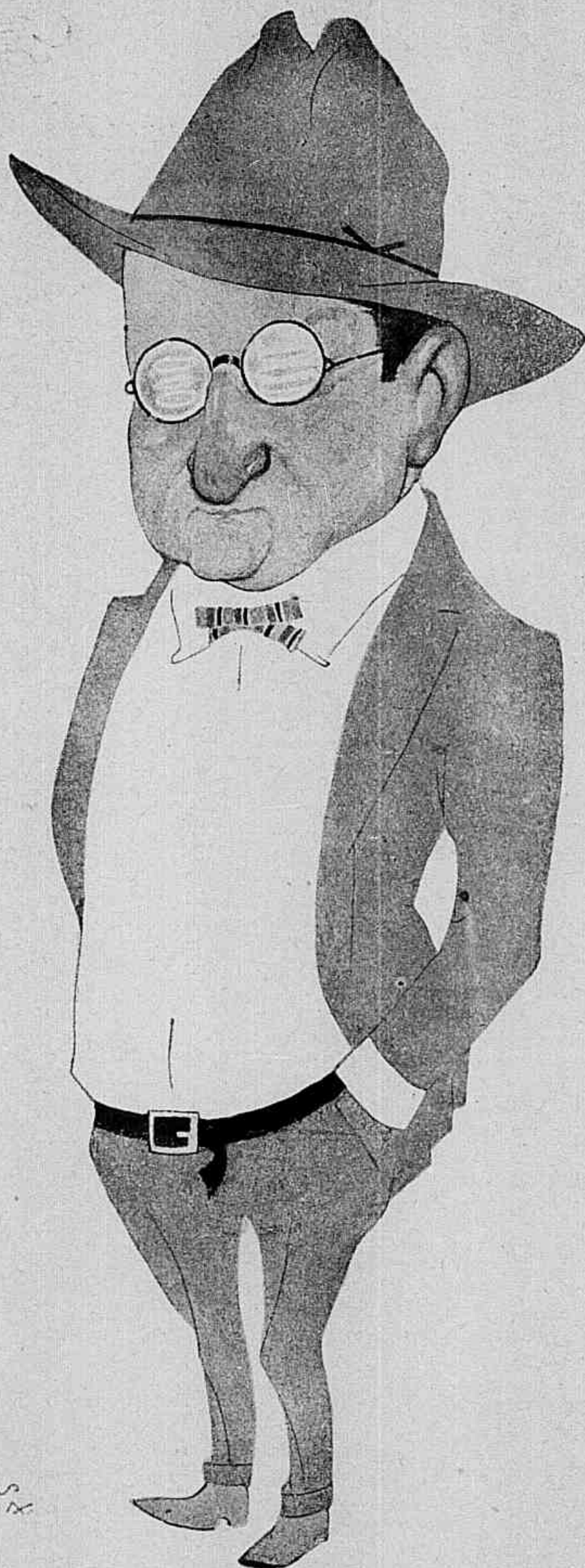
E é ahi que se enfurna o dia inteiro, nas officinas da rua Visconde de Itaúna, de onde apenas olha, de olhos vagos, o lodo do Mangue, enquanto chupa o dedo philosophicamente, sem inveja da gloria alheia e desinteressado, mesmo, da propria...

RODIN



FIGURAS PROMISSORIAS

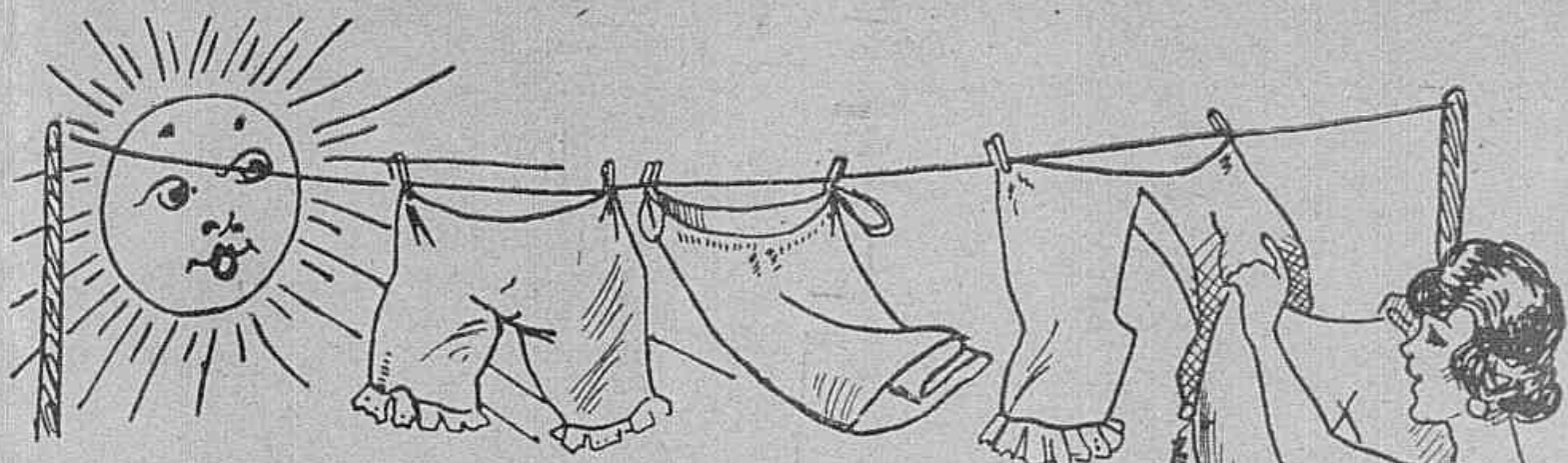
(Homens de letras)



ANDRÉ'S
GUEVARA

ALVARO MOREYRA

(Com o seu «sorriso para todas»...)



PECCADO (1)

TRADUÇÃO DE
GUY-GAY

AÇÃO

que estabelece a diferença entre um cervo morto e um vivo.

EVA — Que linda palavra! Que coisa maravilhosa! «Vida» é a mais sedutora de todas as palavras novas.

A SERPENTE — Certamente. Foi meditando sobre a Vida que adquiri o poder de fazer milagres!

EVA — Milagres? Outra palavra nova.

A SERPENTE — Milagre é uma coisa impossível que todavia é possível. Qualquer coisa que nunca aconteceu e no entanto acontece.

EVA — Conta-me alguns milagres que fizeste.

A SERPENTE — Juntei uma parte da vida ao meu corpo, a qual parte fechei numa caixinha branca feita de pedras que o comêra.

EVA — E para que serviu isso?

A SERPENTE — Eu expuz a caixinha ao sol e deixei-a entregue ao seu calor. Ella arrebentou e uma cobrinha sahiu, começou a engrossar e alongar-se dia a dia, até que me igualou em tamanho. Isso foi o segundo nascimento.

EVA — Oh! Como é maravilhoso! Isso excita-me interiormente. Deve causar um mal estar...

A SERPENTE — Quando isso succedeu quasi que me dilacerou. No entanto estou viva, e posso esticar a minha pelle e renovar-me como antes. Logo teremos no Eden tantas serpentes quantas escamas tenho no corpo. Então a morte não terá mais importancia: «as serpentes» viverão.

EVA — Porém o restante dos seres vivos morrerão cedo ou tarde, como o cervo. E dahi não haverá sinão serpentes e serpentes, em toda parte.

A SERPENTE — Isso não acontecerá. Eu te venero, Eva. Eu preciso ter alguma coisa que ado-

rar. Qualquer coisa absolutamente diversa de mim, como tu. Deve haver qualquer coisa maior que a serpente.

EVA — E' verdade. Não deve acontecer! Adão não deve perecer. E's muito astuta; dize-me, que devo fazer?

A SERPENTE — Pensa. Deseja. Come pó. Lambe a pedra branca. Morde a maçã, que temes. O sol dará vida.

EVA — Não me fio no sol. Darei vida a mim propria. Rasgarei outro Adão de meu corpo, ainda que o dilacere nesse acto.

A SERPENTE — Faze. Ousar! Tudo é possível; tudo. Escuta. Sou uma velha serpente. Mais velha que Adão, mais velha que Eva. Recordo-me de Lilith, que veio antes de Adão e Eva. Eu era a sua predilecta como sou agora tua. Estava sosinha. Não havia nenhum homem com ella. Tambem ella temia a morte como tu quando viste o cervo cahido. Sabia então que devia encontrar o modo como se renovar e fundir a pelle, como eu faço. Ella tinha uma possante vontade. Luctou; luctou e desejou por muito mais luas do que quantas folhas ha em todas as arvores do jardim. Suas ancias foram terribes: seus gemidos baniram o somno de todo o Eden. Disse que não succederia mais; que a fadiga de renovar a vida era insupportavel; que era demasiado para uma só creatura. E quando fundiu a pelle, ah! não era só uma Lilith nova, mas duas: uma como tu e outra como Adão. Uma foste tu; Adão foi a outra.

EVA — Mas porque dividiu ella em dois, e fez-nos diferentes?

A SERPENTE — Digo-te que o trabalho é demasiado para um. Precisa repartir entre dois.

EVA — Pensas então que Adão deve dividil-o commigo? Não quererá. Ele não sabe soffrer, nem tolerará a dôr physica.

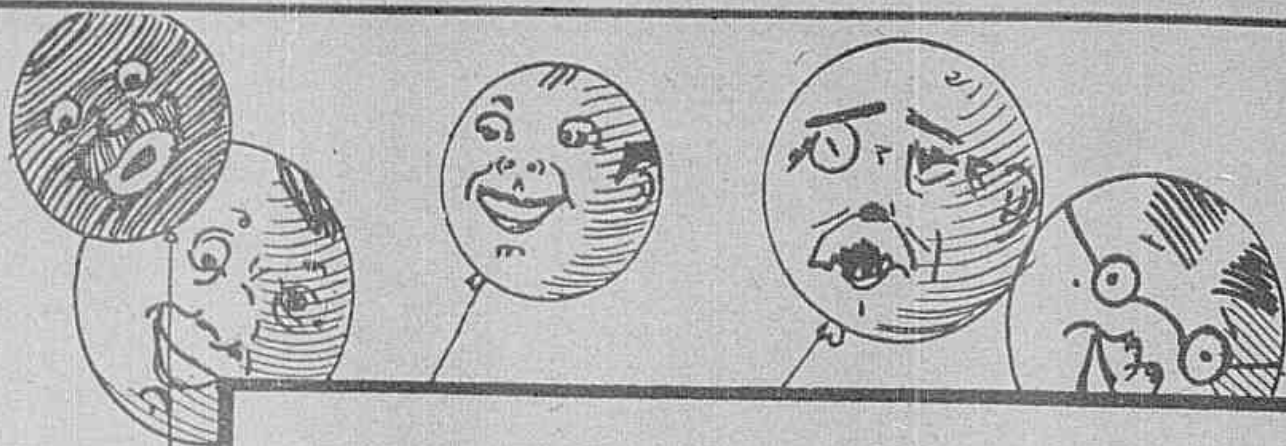
A SERPENTE — Não haverá necessidade. Não deverá soffrer. Elle impor-te-á que o deixes fazer a sua parte. Tel-o-as em teu poder com o desejo.

EVA — Bem, então farei assim. Mas como? Como fez Lilith para operar este milagre?

Guy-Gay

(CONTINUA)





— DE —
BERNARD SHAW

A ORIGEM D

(CONTINUA)

A SERPENTE — Eva?

EVA (assustando-se) — Quem é?

A SERPENTE — Sou eu. Venho mostrar-te a minha bella gorgeira nova. Olha! (dilata o pescoço num magnifico capuz cõr de ametista).

EVA (admirando-a) — Oh!! Quem te ensinou a falar?

A SERPENTE — Tu e Adão. Arrastome pela gramma e pude, escondida, escutal-os.

EVA — E's muito inteligente!

A SERPENTE — Sou a mais esperta de todas as criaturas da terra.

EVA — Tua veste é a mais adoravel que conheço, (acaricia-a) — Bonitinha! Gostas da tua madrinha Eva?

A SERPENTE — Adoro-a. (Lambe o pescoço de Eva, com a sua lingua duplice).

EVA (acariciando-a) — Querida e maravilhosa serpente de Eva! Eva não estará mais sósinha, pois a sua serpente pôde conversar com ella.

A SERPENTE — Eu posso falar de muitas cousas. Sou sapiente. Fui eu que te segredei a palavra que não conhecias. Morto. Morte. Morrer.

EVA (horrorizada) — Porque m'o fazes lembrar? Esqueci-me quando vi a tua bella gorgeira. Não deves recordar-me cousas tristes.

A SERPENTE — A Morte não é uma cousa triste quando aprenderes a superal-a.

EVA — Superal-a? Como o poderei fazer?

A SERPENTE — Com outra cousa que se chama: Nascimento.

EVA — Como? (tentando pronunciar). Nas-ci-men-to.

A SERPENTE — Sim, nascimento.

EVA — Que é nascimento?

A SERPENTE — A serpente nunca morre. Um dia ver-me-ás sahir desta linda pelle como uma serpente nova, com pelle ainda mais seductora. Isto é o nascimento.

EVA — Eu já vi isso. E' muito bonito.

A SERPENTE — Si eu posso fazer isso, que cousa mais não posso eu fazer? Sou muito astuta, repito. Quando tu e Adão conversam, escuto vocês dizerem: «Por que?»

sempre «por que». Ves alguma cousa e logo dizes «por que?». Eu, ao envez, sonho com cousas que nunca existiram e digo: Porque não? Criei a palavra «morte» para designar a minha pelle velha que rasgo quando me renovo. A esta renovação, eu chamo: nascer.

EVA — Nascer. Que bella palavra!

A SERPENTE — Por que não nascer e renascer, como eu, sempre nova e sempre bella?

EVA — Eu! Isso não acontece; eis porque.

A SERPENTE — Isso é um «como», e não um porque. Por que não?

EVA — Porque não gostaria disso. Seria gracioso tornar-me outra vez nova. Mas a minha velha pele quedar-se-ia no chão e assemelhando-se commigo, Adão velha-ia toda enrugada e...

A SERPENTE — Não. Não temas. Pois ha um segundo nascimento.

EVA — Um segundo nascimento?

A SERPENTE

— Escuta. Revelar-te-ei um grande segredo. Sou muito sagaz e tenho pensado e obstinado: — Aquillo que quero, sempre obtive, tenho desejado, desejado e desejado. Comi cousas extravagantes que tu terias medo de comer: pedras e maçãs.

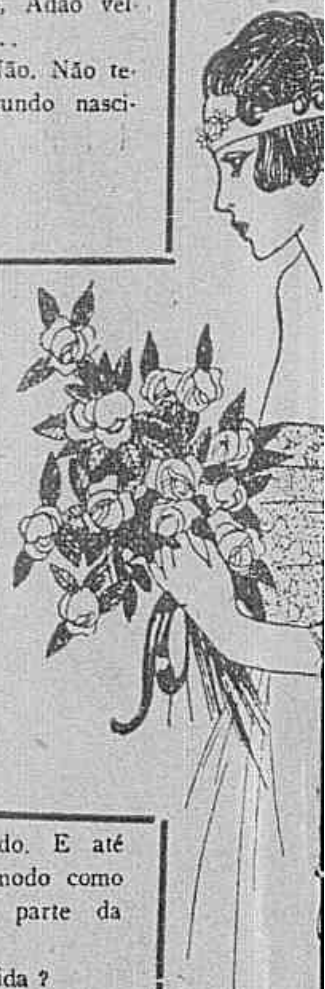
EVA — E's ousada!

A SERPENTE

— Eu atrevo-me a tudo. E até que enfim encontrei o modo como reunir e compôr uma parte da vida no meu corpo...

EVA — Que é a vida?

A SERPENTE — E' aquillo



GALERIA DIPLOMATICA



PEREZ CISNEROS

(Ministro de Cuba)

(300 m. cub... icos)

PAGINA PORTUGUEZA

SONETOS SATIRICOS

**Influencia Franceza**

Portugal, que era rustico algum dia,
Incivil, trapalhão, mal amanhado,
Está (graças á França) tão mudado,
Que o mesmo já não é, que ser soia.

A lingua, o traje, o trato, a grosseria
Dos antigos costumes tem deixado;
E' todo doce, é todo concertado,
E parece outro sua senhoria.

Conversa, joga, dansa; e o novo enleio
Qu'entre os dous sexos logra, é tão decente,
Que á satyra mordaz tem posto um freio.

Vive agora um marido mais contente:
Um pai sem susto; e todos sem receio:
Ditosa condição! Ditosa gente!

PAULINO CABRAL

Riseu

Famosa geração de falladores
Sôa que foi, Riseu, a origem tua;
Que nem todos os cães, ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a lingua ensinou dos palradores;
Outro o «motu continuo» achou na sua;
Outro, além de invocar toda uma rua,
Açaimou numa junta a cem doutores.

Teu avô, santanario venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com reza impertinente os céos zangando:

Teu pai foi um trovão de pataratas;
Teu tio o bacharel morreu fallando:
Tu fallando, Riseu, não morres, matas!

BOCCAGE.

**Aos penteados altos**

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa a mãe ordena,
Que o furtado colchão, fofo e de penna,
A filha o ponha ali, ou a criada

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena:
— Sumiu-se-lhe um colchão! é forte pena:
Olhe não fique a casa arruinada! —

— Tu respondes-me assim! tu zombas disto!
Tu cuidas que por ter pai embarcado
Já a mãe não tem mãos?—dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto)
Sac-lh'o colchão de dentro do toucado!

NICOLAO TOLENTINO

Vão-se os deuses

O velho Satanaz da lenda obscura
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelos ultrajes de uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem-ventura
Indo na bossa d'um camello aguado
De cidade em cidade era mostrado
A' arraia ignobil que histriões procura.

E nem sequer um funebre «aqui jaz»
Hoje assignala em monumento erguido
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio garantido,
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz,
Provou que uns «ossos taes»... só de um marido!

JOAO PENHA



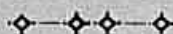
crítica americana, para que, por nossa vez, possamos julgá-los também.



Parece que a mais nova das Talmadge voltará a trabalhar para o cinema ao lado de Buster Heaton, seu marido. Que diabo de idéa mais triste!...



Elsie Ferguson, a mais aristocrática figura feminina da tela americana, tem «apenas» 37 annos e, cousa notável, só teve dois maridos. Fred Hoey, com quem casou em 1927, divorciando-se quatro annos depois, e Thomas B. Marke Junior que guardou durante set annos. Vae divorciar-se agora deste também. Casar-se-ha outra vez? «Chi lo sa?»



Gloria Swanson tem um processo expedito de separar-se dos maridos: abandona o lar. Os dois maridos que já teve requereram o divórcio pelo mesmo motivo: Yherbert Somborn este anno, como Wallace Bery em 1916.



Charles Ray nasceu em Jacksonville, Illinois, em 1891. Estudou na Escola Polytechnica de Los Angeles, onde o «virus» cinematographico foi arrancado á carreira de engenheiro que pretendia seguir. Charles Ray é hoje um dos mais populares artistas «yankees». E' casado e sua esposa não é artista de theatro nem de cinema.



Alla Nazimova é natural de Yalta, Criméa. Além, de ser uma grande artista da tela e do palco, Nazimova toca violino admiravelmente.



ACIMA DE TUDO A REPUTAÇÃO! — Assim pensa o mundo sensato, o mundo que se não deixa arrastar pela tentação do vicio.

E melhor do que ninguém assim nol-o diz Corine Griffith, a artista mais ch'c de New York, em um film que vae ser um successo pelo requinte de gosto e de luxo

que lhe sobra num enredo attrahente. «Quanto vale uma Reputação» assim se chama o film, que com Corine Griffith, logrará retumbant: successo nos cinemas brasileiros.



O primeiro film em que figurou Leatrice Joy foi «The Folly of Revenge» da Nola Film Company. Quem a viu e admirou em «A Homicida», de certo não a reconheceria naquella film, tanto é diferente a Leatrice de hoje da de então.

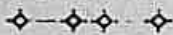


Alice Perry, a encantadora esposa do feliz Rex Ingram, estreou no cinema em «Rearts are Trumps», sob a direcção de Rex Ingram. A este seguiram-se esses films

excellentes que temos admirado: «Os quatro cavalleiros do Apocalypse», «The Conquering Power», «Eugenia Grandet» e «O Prisioneiro de Zenda». Foi durante a confecção deste ultimo que se realizou o casamento da linda actriz com o invejado director.



Nita Naldi é americana de New York, e não italiana como muita gente pensa; é filha de italianos, isto sim.



Marion Davies tem apenas 22 annos e é uma das mais bellas artistas da tela americana.



BEBY PEGGY, a menor artista do mundo! — Aos Estados Unidos, paiz dos records mundiaes mais famosos, cabe mais um que é notavel; possuir a menor artista do mundo em tamanho e idade. E' Baby Peggy, uma menina de pouco mais de um palmo de altura, e não tendo ainda quatro annos! Pois esse pingão de gente, como só assim se poderá chamar, já é notabilidade no mundo da tela e ganha uma somma que causaria inveja a muito banqueiro abastado.

Brevemente o Parisiense dar-nos-á um super-film sensacional de Baby Peggy, onde ella nos contará sua vida nos Studios, e chama-se «Baby Peggy, artista de cinema».

DR. PAPA FITA.

CINEMA



— Não seria melhor uma de cada vez?

Combate as perturbações gastro-intestinaes e suas consequências. Regulariza as funções digestivas.

FRUCTAL

Pó effervescente á base de SAES DE FRUCTAS, muito agradável de tomar e de rapido effeito.



Chico Boia desapareceu totalmente da tela dos nossos cinemas. Porque?

Depois da celebre aventura que o telegrapho espalhou por todo o mundo, aventura da vida real, muito interessante, é certo, mas que, transportada para a tela a policia não permitiria passasse nos cinemas cariocas; depois daquela conhecidissima aventura que concentrou sobre o gordissimo «carnibal», as atenções de todo o mundo, depois de preso, jul-

panheiras da morta, se sentiam sem forças para resistir a tentação de buscarem o mesmo genero de morte, ou ao desejo de vencer

o «monstro», pouco confiantes na sua força de vontade, medrosas enfim da curiosidade que as poderia atrahir para o matador?

E' claro que a situação não era a mesma. Enquanto aqui as admiradoras do «assassino» nenhum perigo corriam, lá, aquellas que cedendo á curiosidade, se aproximassem demasiado, quando dessem acordo de si, seria muito tarde já. Espetar-se-hiam infallivelmente.

M.

gado e condemnado pela opinião publica na America do Norte:— o monumental gorducho voltou a figurar na tela e a encher-a com a sua volumosissima pessoa, como se nada se houvesse passado.

E os seus films continuaram a ter a melhor acceitação da platéa carioca, talvez mesmo melhor do que antes. E isto é facilmente comprehensivel: uma aventura da natureza daquella dava uma expressão nova aos gestos, aos olhares, a toda a pessoa do mastodonte; uma curiosidade nova attrahia os espectadores de ambos os sexos, e muito especialmente os do sexo «frágil», que... comprehende-se... procuravam surprehender a arma assassina que levara desta para melhor uma das mais graciosas «girls» da tela.

E a repulsa que soffreu o heroe de tão alta aventura, de tão singular romance, na terra dos patricios da victima, não teve a menor repercussão entre nós. E é muito natural que assim fosse: porque, que perigo poderia advir ás curiosas que o fossem admirar atravez a tela dos cinemas cariocas?

Nenhum, evidentemente, a não ser que o diabo lhes mettesse na cabeça irem admirar o heroe de perto. Mas lá, na America do Norte, em plena filmlandia, onde os artistas cinematographicos não sabem que companheiros terão em cada film que fazem, que muito que se boycotasse o pobre Chico Boia? Que muito, se as «girls», com-



Idyllio cinematographico

«Safety Last» foi considerado pela critica norte americana como o melhor trabalho de Harold Lloyd; basta dizer que este film, não obstante constar de sete partes, não fatiga o espectador, que, ao chegar ao fim, fez provisão de alegria para o resto do anno.

Segundo as revistas americanas de cinema, os melhores films ultimamente passados em New York são: «Souls for sale», da Goldwyn, cujo argumento foi escripto por Rupert Hughes; «Enemies of Women», da Cosmopolitan, com Alma Rubens e Lionel Barrymore, sendo notavel o trabalho deste ultimo artista; «Safety Last», da Pathé New York, com Harold Lloyd; «Bella Dona», da Paramount, com Pola Negri, edição americana, e Conway Tearle, Conrad Nazel e Lois Wilson; «Grumpy», tambem da Paramount, um dos melhores do admiravel artista que é Theodore Roberts; «The Isle of Lost Lhips», do First National, em que se apresenta Milton Sills, sob a direcção de Maurice Tourneur. Esperamos que passem por aqui essas produções que tantos applausos mereceram á severa

[THEATRO BOCCACIO]
FOI AQUI QUE ANNUNCIOU...
 Comedia em 2 actos de
JAN RICHORA

Perrsonagens : Raphaelino,
 advogado — Ernesto, medico —
 Laura — Alvaro.

ACTO PRIMEIRO

No escriptorio de Raphaelino —
 2 horas da tarde.

SCENA I

Raphaelino e Ernesto

ERNESTO (entrando) — Arre!...
 se eu não fosse teimoso e não ti-
 vesse um pouco de força... não
 teria entrado... Que diabo! Afim-
 nal fiquei curioso... Não era
 possível que você estando sosinho
 não me quizesse receber... Que
 historia é essa?

RAPHAELINO — E' a brinca-
 deira mais estúpida que já foi
 imaginada para azocrinar a pa-
 ciencia de um homem... Tive de
 mandar impedir o meu escriptorio
 para todo mundo afim de não ter
 um accesso de raiva...

ERNESTO — Mas que foi?...

RAPHAELINO — Um estúpido
 annuncio, que um inimigo, certa-
 mente, fez inserir em varios jor-
 naes de hoje.

ERNESTO — Não vi...

RAPHAELINO (entregando um jornal) — Pois
 então leia... e veja se isso não é para se dar
 um tiro num sujeito... Leia... ah! onde está as-
 signalado a lapis vermelho...

ERNESTO — Cá está... (lendo) «Auxiliar de escriptorio
 — Precisa-se de uma auxiliar, para escriptorio de advogado —
 Trabalho de 2 ás 5 da tarde. Boas referencias. Ordenado
 que se combinar. Sômente se acceitará uma joven que tenha
 mais de trinta annos e for positivamente feia. E' inutil
 apresentar-se quem não estiver nas condições. Rua das Mer-
 cês n. 75. Raphaelino.»

RAPHAELINO — Está vendo?... Só um inimigo
 poderia fazer uma coisa dessas. Terei de ficar todo o dia
 bloqueado, se não quizer passar em revista um batalhão de
 velhotas e de corujas... E' estúpido... Positivamente
 feias... não leu?... Não ha meios termos. Isso deve ser
 coisa de um inimigo...

ERNESTO — Mas... quantas já vieram?... Muitas?

RAPHAELINO — Até agora... ainda não appareceu
 nenhuma... mas não tardarão por ah...

ERNESTO — Não appareceu nenhuma... nem ap-
 parecerá...

RAPHAELINO — Como não apparecerá?... Pois você
 não viu o annuncio?

ERNESTO — Por isso mesmo estou dizendo que não
 apparecerá... Pois você não vê logo que será mais facil
 a uma mulher morrer de fome que confessar que tem mais de
 trinta annos e que é feia, para ganhar uma fortuna...

SCENA II

Raphaelino, Ernesto e Alvaro

ALVARO (apparecendo á
 porta) — Seu doutor dá licen-
 ça?...

RAPHAELINO — Que é
 que você quer?... Diga logo...

ALVARO — E' que está ah
 uma moça que quer fallar com
 o senhor...

RAPHAELINO — Não disse o
 que deseja?...

ALVARO — E' por causa do
 annuncio...

RAPHAELINO (bruscamente,
 para Ernesto) — Está vendo?...
 Eu não disse? Já começaram a
 chegar... Está ah... Você ago-
 ra merecia que eu o deixasse no
 meu logar... para aturar esse pes-
 soal... vae ver... daqui a pou-
 co o meu escriptorio está transfor-
 mado num belchior...

ALVARO — Seu doutor quer
 que despache e diga que o senhor
 não está...

RAPHAELINO — Pois já
 não disse que hoje não recebia
 ninguém?... Porque esta perguntando ainda?...

ERNESTO — Não faça isso... Deixe vir... ao
 menos por curiosidade...

RAPHAELINO — Está doido... Aturar choradeiras...
 E' até falta de piedade se você sabe que isso é uma mysti-
 ficação e que eu não quero empregada alguma... e além
 disso feia e de mais de trinta annos...

ALVARO — Pode ser que ella tenha mais de trinta
 annos... mas feia é que eu não acho, seu doutor... Até
 pelo contrario...

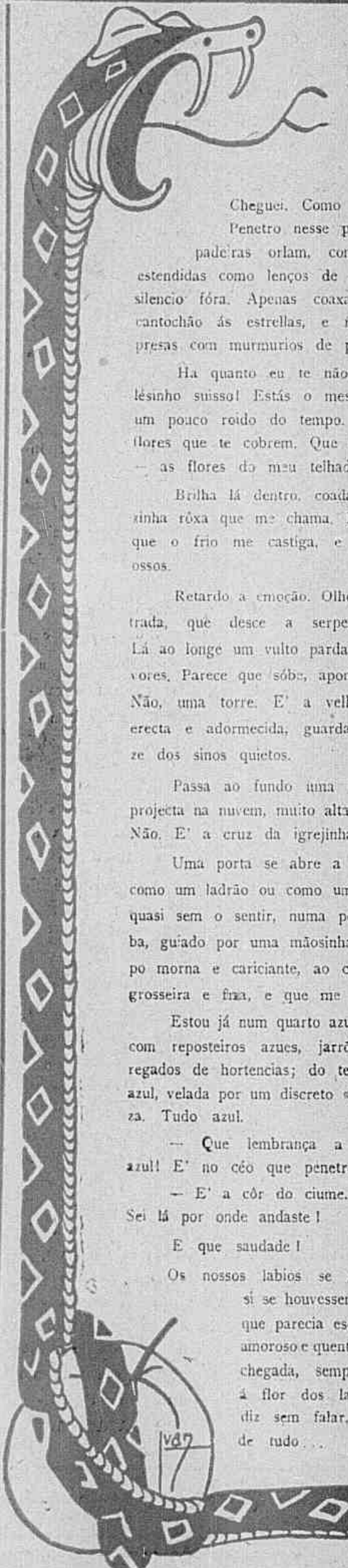
RAPHAELINO — Já sei... Isso é sermão encommen-
 dado... Vocês estão combinados... (para Ernesto). Não
 venha para meu lado com essa historia de piscar o olho
 para o Alvaro dizer que é uma moça e bonita que está ah...

ALVARO — Pois se seu doutor duvida... eu mando
 a moça entrar...

RAPHAELINO — Pois sim... você vae trazê-la
 aqui... mas quem a recebe é o Ernesto... Elle ficará
 aqui em meu logar... para despachar... (para Ernesto).
 Pode mesmo dizer que você é o doutor Raphaelino...
 Bom proveito....

ERNESTO — Valeu... Tomarei o seu logar... (para
 Alvaro — enquanto Raphaelino se retira por uma porta dos
 fundos). Pode trazer a pretendente... Introduza-a...

(Alvaro sáe)



UM QUARTO DE HORA

De GASTÃO PENALVA



Cheguei. Como me custou chegar!

Penetro nesse pequeno «chalet» que trepadeiras orlam, com grandes, alvas flores estendidas como lenços de noiva, a seccar. Tudo é silencio fóra. Apenas coxam sapos o seu dorido cantochão ás estrellas, e rumorejam aguas em represas com murmurios de preces.

Ha quanto eu te não via, meu adorado chaletinho suíço! Estás o mesmo, ou antes, como eu um pouco roído do tempo. Só não me cobrem as flores que te cobrem. Que importa! Eu tenho idéas — as flores do meu telhado.

Brilha lá dentro, coada pelos vitraes, uma luzinha rôxa que me chama. Posso entrar. Ainda bem, que o frio me castiga, e esta garôa vai-me aos ossos.

Retardo a emoção. Olho ainda a longura da estrada, que desce a serpear, branca e molhada. Lá ao longe um vulto pardacento espia atraz das arvores. Parece que sóbe, aponta o céu. Um fantasma? Não, uma torre. E' a velha ermida lá de baixo, erecta e adormecida, guardando ciosamente o bronze dos sinos quietos.

Passa ao fundo uma nuvem, e uma cruz se projecta na nuvem, muito alta e escura. Máu presagio. Não. E' a cruz da igreja. Ainda bem.

Uma porta se abre a medo; e eu, sorrateiro, como um ladrão ou como um foragido, vou entrando, quasi sem o sentir, numa penumbra que me perturba, guiado por uma mãosinha mysteriosa, a um tempo morna e cariciante, ao contrario da minha mão, grosseira e fria, e que me leva — eu sei onde!

Estou já num quarto azul, forrado de setim azul, com reposteiros azues, jarrões de louça azul carregados de hortencias; do tecto pende uma lampada azul, velada por um discreto «abat-jour» cor de turquesa. Tudo azul.

— Que lembrança a tua, querida! Quanto azul! E' no céu que penetro...

— E' a côr do ciúme. Eu morria de ciúmes. Sei lá por onde andaste!

E que saudade!

Os nossos labios se encontram; e é como si se houvessem recordado de um beijo que parecia esquecido, um beijo longo, amoroso e quente, o beijo classico da chegada, sempre dado com a alma á flor dos labios, e onde tudo se diz sem falar, e sem falar se sabe de tudo...

De novo era um grande silencio em torno a nós. Apenas cantavam aguas, a rolar queixumes, e dentro um pequeno pendulo marcava o lento tic-tac das horas, as nossas horas, maldosamente contadas.

E ainda durava o nosso beijo, um beijo immenso, edificando, pétala por pétala, á rosa rubra da saudade.

Desprendem-se afinal os nossos labios, que se reservam sequiosos para um futuro beijo. Descubro ao fundo um espelho que scintillava nas trevas como uma clara censura de cristal. Lá estou eu, na retina do espelho, e a minha cara de «Don Juan», noctivago, e o meu chapéo de feltro amarratado, que o beijo acaba de atirar para a nuca.

Fico só, num momento.

Sento-me num divan repleto de almofadas, e todo me contemplo.

Trago lama nas botas, que macula a maciez do tapete. Sinto-me rude, material.

Tambem, donde venho eu? Ha quanto ando a trilhar esses caminhos infundos que levam sempre aos ninhos mais amados?

E chove sem cessar. A chuva é confidente das aventuras de amor. E é bom signal — dizem.

— Que demora, minha filha. Onde estiveste?

— Preparava-te o chá. Vens da noite. Ainda é frio e teu beijo, e eu não o quero assim.

— Está bem. E's um anjo. Mas, anda. Vamos extinguir estas luzes, todo esse azul que me atordôa e embriaga como a uma ave que demanda os céos. Anda, vamos...

— Que madrugada glacial!

E eu que tenho que deixar o leito e partir antes do sol, para que ninguem me veja. E's cruel, minha vida. Consente em mais um quarto de hora ao teu lado, aquecendo-me ao calor do teu corpo, sorvendo com soffreguidão os teus ultimos beijos, ao conforto ideal dos teus carinhos.

Escuta a chuva como cáe lá fóra... E essa goteira que toda a noite pingou nas folhas do tinhorão, Avalia que lama ha nos caminhos.

E deixas-me sair assim? E's bem cruel.

— Não, meu amor. Fica, fica... mais um quarto de hora.

(Do livro «Quartos d'hora».)

Gastão Penalva



THEATRO BOCCACIO

(Conclusão)

ERNESTO — Trabalho... tomei gosto pelo laboratório... Como vê... tenho até uma auxiliar... e das mais preciosas...

RAPHAELINO (incando o monoculo e olhando Laura com certa malícia) — Estou vendo... Deve ser agradável trabalhar com uma auxiliar assim... Se eu conseguisse um exemplar dessa flora... seria capaz de fazer coisas extraordinárias... (sorrindo amavelmente para Laura). Não leve a mal... senhorita... refiro-me ao estímulo de sua colaboração inteligente...

ERNESTO — Pois olhe... estive nas suas mãos...

RAPHAELINO — Como?... Nas minhas mãos?...

ERNESTO — Tinha ido ao seu escriptorio pelo annuncio... e você me encarregou de despachal-a...

(Laura vai trabalhar na machina de escrever).

RAPHAELINO (com despeito) — Sim... mas se tratava de uma feia... Se eu soubesse... Nunca imaginei que de uma brincadeira de tão máo gosto... pudessem resultar uma aquisição de uma auxiliar tão valiosa...

ERNESTO — E por fallar em brincadeira de máo gosto... você nunca poudes saber quem tinha sido o autor daquelle annuncio?...

RAPHAELINO — Nunca. Sinto, agora então que seria capaz de bater-lhe...

ERNESTO — Pois eu ao contrario... lamento não descobri-lo... desejava dar-lhe uma lembrança... como prova de meu agradecimento...

LAURA (parando de escrever na machina) — Veja então se me compra uma machina... esta já tem muito uso... não serve mais para o serviço...

ERNESTO — Como?... Conhece então o autor do annuncio?...

RAPHAELINO — Ah... a senho-

rita conhece o autor daquelle brincadeira indigna?

LAURA — Perdão... aquillo não foi brincadeira... e muito menos indigna...

RAPHAELINO — Como? Como?...

LAURA — Fiz aquillo por necessidade... para poder arranjar um emprego...

ERNESTO — Então o annuncio era seu?...

LAURA (baixando os olhos) — Foi uma idéa que tive... não sei como, para poder apresentar-me num escriptorio qualquer e obter um emprego... Afinal, com aquelle annuncio eu estava certa de me apresentar sosinha, sem competidoras... Talvez precisassem de uma empregada... ou mesmo sem precisar... podia ser... que fosse feliz... e despertasse a idéa...

RAPHAELINO — Mas... uma palavra, senhorita... Como foi que se lembrou do meu nome para o annuncio?... Já me conhecia?

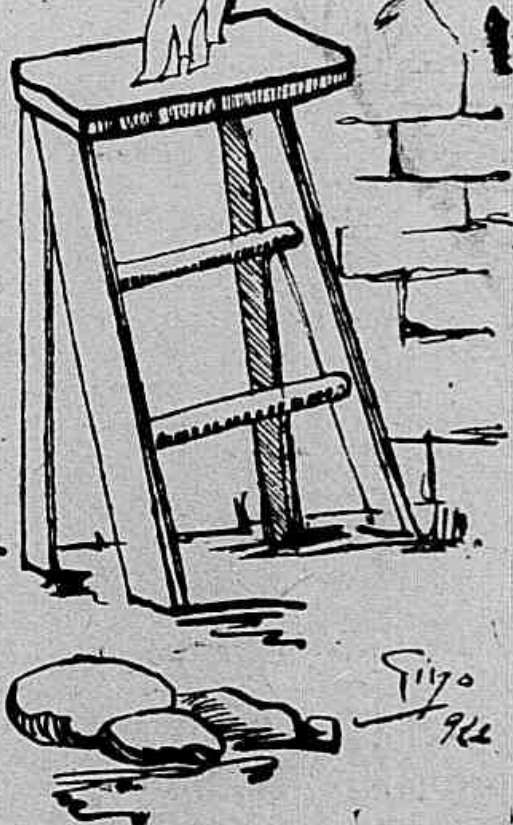
LAURA — Absolutamente... Foi um méro acaso... abrindo um indicador. Mande por o annuncio... (levantando e caminhando para o fundo da sala onde estava um capô no cabide, com a bolsa). Vou mostrar-lhe... devo ter ainda o recibo na minha carteira... (voltando-se ligeiramente para Raphaelino). Vae ver como foi em sua intenção que eu tinha annuciado...

ERNESTO (batendo no hombro de Raphaelino, enquanto Laura no fundo da sala, remexe na carteira procurando o recibo do jornal) — Maganão de sorte... Acha até quem lhe prepare os pratos... por acaso...

RAPHAELINO (a meia voz, com despeito) — E'... mas o bocado não é para quem o faz... nem para quem elle é feito... é para quem o come...

(Panno)

Jan Richora



THEATRO BOCCACIO

(Continuação)

SCENA III

Ernesto e Laura

LAURA (entrando) — Boa tarde doutor...

ERNESTO — Boa tarde... Faça o obsequio, minha senhora... Queira ter a bondade de sentar-se... (aproxima uma cadeira).

LAURA (sentando) — Obrigada...

ERNESTO — Estou às suas ordens...

LAURA (mostrando um jornal) — Eu vim por este annuncio...

ERNESTO — Como??? A senhorita veio então pelo annuncio... mas não é possível... Ah! mesmo está escripto... as pessoas que não estiverem em condições...

LAURA — E então?... Se eu julgo estar nas condições...

ERNESTO — Perdão... a senhorita além de não ter ainda trinta annos, é... permitta que lhe diga... sem ar de lisonja ou galanteio, positivamente bonita... quando o annuncio falla em positivamente feia... Desculpe que lhe diga... não é o seu caso, (amavel e sorridente). Está desclassificada no concurso... Não posso acceital-a aqui...

LAURA — Não tenho mesmo sorte... Tinha tanta esperança de obter esse logar... Tenho lutado tanto tempo para collocar-me...

ERNESTO — Mas não é caso para desanimar... ao contrario... Talvez seja mais feliz com outro annuncio...

LAURA — Que outro annuncio?...

ERNESTO — Um outro que pretendo mandar para os jornaes hoje mesmo... pedindo, para o escriptorio de um medico, uma auxiliar com menos de trinta annos e que seja positivamente bonita...

LAURA — E esse medico... quem é?... Será ao menos uma pessoa como o senhor, homem fino, educado?

ERNESTO — Oh... muito obrigado... Mas não tenha receio... elle em nada differe de mim... sou eu mesmo...

LAURA — Mas o senhor, quem é?...

ERNESTO — Ernesto de Lima, medico, trinta e cinco annos, solteiro, independente, fazendo medicina por amor á sciencia...

LAURA — Mas... o doutor Raphaelino...

ERNESTO — O Raphaelino... ora, o Raphaelino ficará á espera de uma feia...

LAURA — E' que talvez elle tenha sahido por imaginar que eu tivesse vindo rigorosamente pelo annuncio... Coitado... teve talvez medo de mim...

ERNESTO — Quando um homem não adinha a visinhança de uma mulher bonita é porque não a merece...

LAURA (com os olhos baixos) — O senhor não acha melhor não collocar annuncio algum?...

ERNESTO — Para o meu escriptorio?... Mais do que nunca... agora mesmo que não poderei dispensar uma auxiliar nas suas condições... Amanhã sahirá o annuncio em todos os jornaes...

LAURA — Nesse caso... com licença... preciso retirar-me...

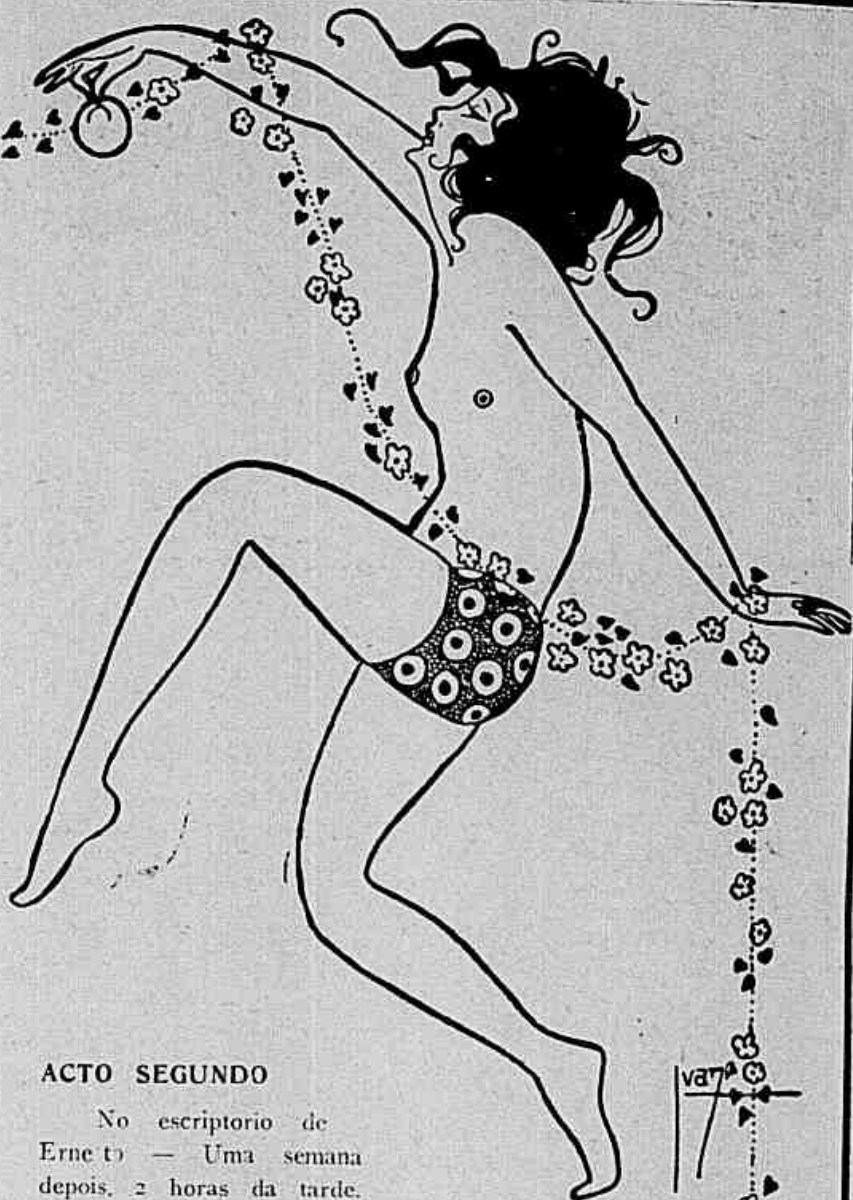
ERNESTO — Como?... Já vae?... Que vae fazer?...

LAURA — Preciso deitar-me hoje bem cedo...

ERNESTO — Para que?...

LAURA — Para tambem levantar cedo... Quero ser a primeira a chegar lá...

(Panno rapido).



ACTO SEGUNDO

No escriptorio de Ernesto — Uma semana depois, 2 horas da tarde.

SCENA I

Laura e Raphaelino

RAPHAELINO (entrando) — Boa tarde... Faça o obsequio... senhorita... o Ernesto está?

LAURA — O dr. Ernesto está. Posso mandar annunciar-o... E' com certeza um amigo intimo... Elle está no gabinete ao fundo fazendo uma pesquisa... (estende a mão para um tympano, mas Raphaelino impede o gesto).

RAPHAELINO — Oh... não é preciso... se elle está occupado... eu poderei esperar aqui um instante... se não lhe encommoda a minha companhia.

LAURA — Oh... absolutamente... Se é amigo do doutor...

RAPHAELINO — E dos mais intimos... deixe que me apresente... Raphaelino Moreira... advogado.

LAURA (com surpresa) — Ah... ..

RAPHAELINO — Ein?... Dir-se-ia que lhe causa espanto o meu nome...

LAURA — Oh... não... O doutor Ernesto falla sempre no senhor...

RAPHAELINO — Ninguém diria... Ha uma semana que não me apparece... Pensava até que elle se houvesse esquecido de mim... e por isso mesmo estou aqui... para saber se elle está doente...

LAURA — E não o vê ha muitos dias?

RAPHAELINO — Desde o dia de um celebre annuncio, pedindo uma empregada feia para o meu escriptorio... Encarreguei-o de receber uma unica candidata... e quando voltei elle tinha desaparecido... elle e a tal candidata...

SCENA II

Raphaelino, Laura e Ernesto

ERNESTO (entrando) — Até que enfim... appareceu!...

RAPHAELINO — Digo eu o mesmo... (abrachando-o). Mas que é feito de você?

importava. O «recebo a vós» era tudo. E todos, nadando em satisfação, assignaram o termo: — contrahentes, testemunhas, parentes. Veio a mesa de doces, capaz de boqui-abrir o mais perfeito gastrônomo. O Euclides tirou o ventre da miséria: devorou. Comeu por tres, bebeu por dez. A's folhas tantas o homemsinho estava tão frouxo de pernas que mal poudo erguer-se para acompanhar o brinde levantado, em estylo gongorico da melhor marca, pelo professor Azevedo Brandão. Acabada a festança, já beirando meia noite, os convidados debandaram. Euclides foi o derradeiro a bater em retirada. Fel-o, é claro, de má vontade e com enorme dificuldade. Mas, ao apanhar a pasta, recordou-se do documento que, por força da lei, devera ter sido entregue ao noivo. Custou-lhe encontral-o naquela confusão de papeis, tal era a bebedeira, mas vencidos os obstaculos, passou-o ao Luisinho. Este, vendo-se, enfim, a sós com a pequena, desdobrou a certidão, correu os olhos pelas linhas mal traçadas e deixou escapar uma interjeição pavorosa. Acudiram todos. Encontraram-n'o pallido, com o olhar esgazado, amarfanhando o papel recebido, enquanto a noiva, attônita, com um chlique engatilhado, não sabia o que dizer daquillo tudo. A certidão do Euclides rezava: — «Receberam-se em casamento, na forma da lei, Luiz Ramos e dona Edwiges Marques.»

Como?!... Elle se unira, então, á sogra e não áquella que elegera sua companheira, a alegria do resto de sua existencia, já longa de 28 annos?... Mandaram, a despeito da hora adeantada, um proprio em busca do Euclides, duas casas adiante. O bebedão emerito roncava como um suino. A custo foi acordado e carregado, com os autos do processo matrimonial. Em todos os documentos figuravam: — Luiz Ramos e dona Edwiges. No termo do casamento a mesma cousa. Uma visita á casa do escrivão aclarou a situação. Arredando-se dos seus pontos costumados, Euclides não deixou, entretanto, de beber. Mais facil se tornaria ao sol alterar o seu trajecto. Mas, para tranquillidade de espirito, á vista da cruz que negrejava na parede, recordando o juramento proferido, em sã consciencia e sem dolo nem malicia, segundo a formula consagrada no fóro (não fóra elle serventuario da justiça), apanhou de novo o curvao e, ao «juro não beber mais», additou «champanha». Por isso mesmo, debaixo da mesa só não encontraram garrafas vasias daquella custosa bebida. Das demais especies nenhum exemplar faltava. O mostruario era completo e fazia honra.

Na casa da viuva a consternação era geral. A desgraça se mostrava irremediavel. O noivo arrancava os poucos cabellos que lhe restavam, num vai-vem insofrido por todos os aposentos. A noiva cho-

rava que era de metter pena. Coitadinha! Casada naquillo momento e já sem marido. E tudo por causa daquelle ébrio sem vergonha, que, com o cerebro toldado pelos vapores do alcool, escrevera, systematicamente, em todos os papeis, Edwiges onde devera escrever Edwina. E por um «ges» de mais e «na» de menos, aquella attribuição toda!...

Passada, porém, que foi a primeira lu'ada, dona Edwiges reflectiu, reflectiu, reflectiu ainda, e, depois de tão madura reflexão, sorriu de uma forma muito especial. E, assim sorrindo, encaminhou-se para a sala, que o Luisinho naquelle instante cruzava a largas passadas.

— Luisinho, depois do que houve, não sou mais tua sogra, sou tua esposa! — ciciou, por entre arrulhos de pomba.

O moço, sem interromper o passeio, mastigou uns monosyllabos inintelligiveis.

Requebrando-se em frente de um «bisauté» proximo, dona Edwiges foi além:

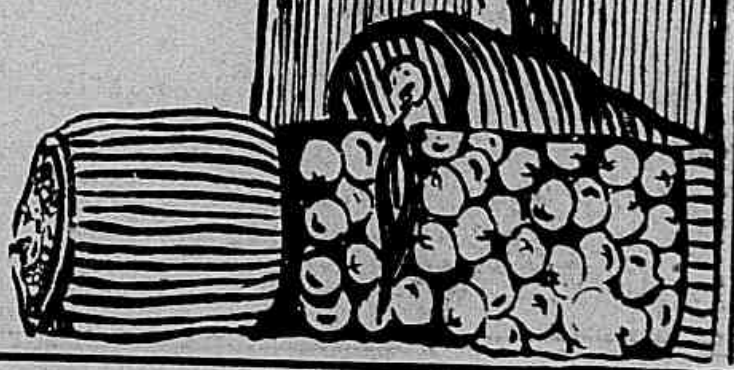
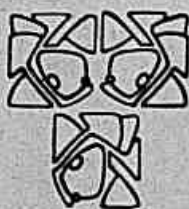
— Como vês, não perdeste tanto na troca!...

Luisinho, a essa voz, interrompeu de subito o itinerario. Voltou-se num impeto, violentamente, encarando, firme, a sogra-esposa. Quiz vomitar-lhe, na cara, uma infinidade de desaforos, de insolencias, de palavras que o seu desespero gerava e cuja retenção lhe causava engulho. Sentiu, porém, um nó na garganta. Limitou-se a franzir o canto da bocca e a repuxar um dos olhos. Fez depois meia volta e rodou, de cabeça baixa, para o corredor que conduzia aos fundos da habitação. A filha, entregue á sua desolação sem limites, e a mãe, na perspectiva de umas nupcias em segunda edição, não puzeram reparo nessa retirada tão brusca. Só quando a barra do nascente se tingia dos primeiros clarões, deram por falta do Luisinho e foram encontral-o naquella posição ridicula, deselegante, com os olhos brutalmente arregalados e a lingua em lastimavel estado.

O vigario não negou, ao cadaver do suicida, repouso em logar sagrado. E justificava o seu acto, contrario ás leis da egreja:

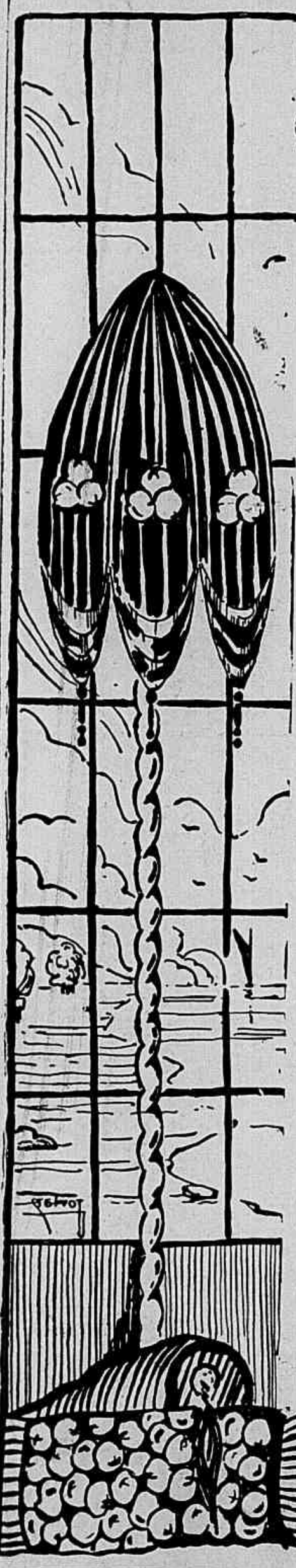
— Era inevitavel! Eu, nos casos del-le, teria feito o mesmo!...

Jaufer — (S. Paulo)



O ENGANO DO EUCLYDES

CONTO DE JAUFER



Naquella manhã quente de Novembro a rua do Commercio fervilhava. Compacto grupo, formado junto ao prédio n. 36, trocava, em voz baixa, impressões e permutava commentarios. Nesse interim, chegou a policia, dignamente representada pelo delegado, o dr. Martins de Sevilha, que, uma semana antes, apeára na localidade, procedente de Olympia, apresentado, pelos dirigentes do Estado, com uma promoção muito justa e muito applaudida: pelo escrivão, o «seu» Cruz,allejado no officio, no qual, — trazia contadinho nos dedos, — havia servido com perto de setenta autoridades policiaes, e pelo doutor Dutra de Oliveira, medico considerado no logar, tanto que em dois annos apenas de clinica conscienciosa, com raras mortes no passivo, arranjara alguns pacotes no banco, um sumptuoso palacete no melhor arrabalde e uma possante Hudson, que tivera na Prefeitura o n. 73.

Que seria?!... Mystério!... Sabia-se sómente que, mal amanhecera, um rumor estranho agitara o prédio e o Severino, o creado, sahira, nervoso, á cata da policia. Na vespera, ainda, á noite, allí fóra realizado, na intimidade, é facto, mas com relativa pompa, o casamento da Edwina, filha da dona da casa, a viuva Edwiges Marques, com o Luisinho Ramos, guarda livros da «Companhia Manufactureira de Cachimbos Refractarios e Artigos Correlatos». Esse pormenor, lembrado não sei por quem, deu novo rumo, ao falatorio. O noivo, naturalmente, esbarrara com o terreno já cultivado, quando contava enconral-o inculto. Discussões, invectivas, apostrophes, desmaios... e a tragedia. Já se perguntava pela prisão do criminoso, quando estourou uma bomba: — o Luisinho déra cabo do canastro. Amanhecera pendurado á bandeira da porta do «water-closet». A lingua, para fóra da bocca cerca de um palmo, parecia despedir uma ultima imprecação. Os olhos, desmesuradamente abertos, a saltar das orbitas, lançavam chispas. Estava horrivel de se ver, — contava, galreador, o caixeirinho do armazem pegado que, á força de astucia, lograra entrometer-se na casa enlutada. O caso, todavia, ficou logo esclarecido.

O casamento civil de Luisinho e Edwina (dado o atheismo do noivo, deixara dona Edwiges para melhores tempos a cerimonia religiosa, que áquelle repugnava), o casamento civil, dizia, ficara a cargo do Euclides, escrivão de paz e official do registro civil, visinho da viuva e mesmo aparentado com ella. Esse Euclides era tambem o maior e o melhor piteireiro da cidade e adjacencias. Bebia de tudo: — da réles cachaca á champanha aristocratica. Excluía, ao que parece, uma unica bebida, — a agua. Esse vicio, que lhe punha o narigão valente da cor da bandeira do Divino, não podia deixar de arrastal-o, no respectivo cartorio, a constantes omissões, a erros imperdoaveis, a lamentaveis lapsos de memoria. Quando dona Edwiges lhe confiou o preparo da papalada que se destinava a formar, legalmente, legitimamente, com todos os requisitos do Código Civil, a sociedade conjugal Ramos-Marques, para a exploração do mais arriscado ramo de commercio, — o da perpetuação da especie, — houve por bem recommendar-lhe insistentemente:

— Veja lá «seu» Euclides, faça-me obra assejada. Não se metta em camoeça até o dia do casamento.

— Oh, prima... — fez o escrivão, muito encastrado com a franqueza da parenta.

— Uma quinzena de temperança não é sacrificio ás suas forças.

— Juro!...

E querendo dar maior força e solemnidade ao seu juramento, tomou de um carvão e traçou, na parede da sala de jantar, uma enorme cruz, sob a qual rabiscou: — «Juro não beber mais!»

Assim parecia ser. O Euclides desaparecera do bihar do Coraucci, onde se saboreava a melhor geropiga daquellas bandas. Fugira do Club Recreativo, que aos socios offerecia uns licores exquisitos. Não visitava mais o Zé Valle, possudor de uma adéga instalada com todas as minucias de um entendedor consumado.

Raiou o dia prefixado para a inclusão do Luisinho no rôl dos homens serios. Tudo intimo, em casa, entre a familia. O juiz de Paz, o coronel Manoel Rezende, pronunciou, com «aplomb», as palavras sacramentaes, os noivos disseram «amen» e o escrivão leu a acta, engrolando as palavras, com a lingua entaramelada, tanto que ninguem entendeu a leitura. Aquillo, porém, pouco



Galho DE URTIGA

Dilatação dos corpos

Esposa de um medico illustre, madame presta sempre grande attenção á palestra do marido, quando os collegas o vão visitar. Não que a medicina a interesse, mas porque teme que, na conversa, appareça algum nome feminino, que seja, na sua vida de mulher honesta, uma triste revellação. Originaria, porém, de familia provinciana e modesta, a formosa senhora nem sempre comprehende bem o assumpto, como se verificou um destes dias.

Visitavam o casal uns amigos quando, á mesa, madame, que conversava modas com a dona da casa, observou:

— E' verdade, fulano; eu preciso, agora, para o verão, de um vestido preto.

— Outro, filha? — fez o marido. — Mas eu não te comprei um, o mez passado?

— Compraste; mas, com certeza, estará pequeno para o calor.

E como o esposo a interrogasse com os olhos:

— Tu não me disseste, hontem, que o calor dilata os corpos?

A differença

Mademoiselle, que é admiradora contumaz (e sem Thomaz) da literatura galante, é, como toda mulher de espirito, adversaria renitente dos individuos afeminados. Em uma festa do Club Central, em Nictheroy, um d'estes revirava os olhos a pequena distancia, quando a endiabrada creatura lhe perguntou:

— Diga-me uma cousa, doutor: que differença ha entre «as» almofadas e «os» almofadas?

O rapaz sorriu, desconfiado.

— Não sabe?

E perversa:

— E' que «ellas» servem de encôsto; e

«elles»...

— ?...

— Gostam de viver «encostados»!

O almofadinha afundou-se, no soalho.

O escalda-pés

Os dois estavam na sala, o ouvido attento, á espera do ruido do portão, que annunciava a chegada do dono da casa. A grade estava, porém,

aberta, de modo que o honrado funcionario da grande companhia nacional entrou sem ser presentido.

Da sala de jantar poudes ver, ainda, o amigo de joelhos aos pés da mulher, que jazia pallida, os olhos semi-cerrados. Com o rumor dos passos, o visitante voltou-se, e com um sangue-frio espantoso, chamou-o:

— Depressa! depressa!

E puxando as meias de madame:

— Ella teve uma syncope, de repente... Vamos dar-lhe um escalda-pés!

E ahí está como madame, sem querer, meteu, nessa tarde, os seus lindos pés na agua quente.

Cera para dôr de dentes
LUSTOSA

Infalível! Tubo 2\$000

— O seu alfaiate veste-o mal?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A
ESTRELLA BRANCA
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir
em melhores condições

148 — Rua Uruguayana — 148

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito

Uma experiencia custa apenas : **Liquido : 2\$500**
Pasta : 2\$500

A VENDA EM TODA PARTE

Atacado : CASA HERMANNY, Rio

ODORANS



Passar na Avenida
e não entrar
na

"A Capital"

é ir a Roma e
não ver
Sua Santidade.

Os nossos sortimen-
tos de artigos para
homens são os
mais finos
do Brasil

≡CORISOL≡

De HALFELD

E' de real efficacia nas constipações, resfriados, nevralgias, bronchites, etc.

Faz abortar a influenza

———**Não temer a Tuberculose**———

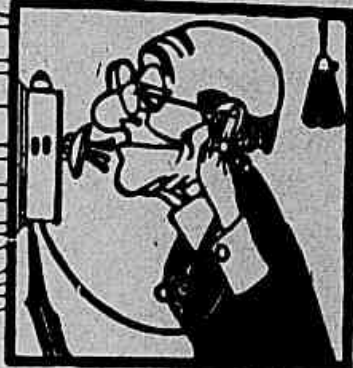
O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de **"SANGUINOL"** faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o **"SANGUINOL"**. E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O **"SANGUINOL"** é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Pharmacias e Drogarias



Nervos . . .

Madame, que é intelligentíssima, constitue um dos casos mais interessantes do Rio galante. Os seus admiradores, que são ás dezenas, lastimam-se da desigualdade do seu humor: são preferidos, ou preteridos, sem que se saiba, mesmo, a razão. Quantas vezes um rapaz elegante, fino, chic, não tem sido posto á margem por um artista de theatro ou, mesmo, por um individuo que madame viu no cinema, e que ella não sabe quem é?

Ha dias, conversando com um amigo, homem de imprensa, este lastimava:

— E' um horror o que você faz com a gente! Eu só queria saber de onde lhe vem esses caprichos, e o motivo d'essas preferencias!

— Oh, filho! é tão simples!... — fez as doidivas, rindo.

E accentuando os vocabulos:

— E' uma questão de nervos...

E bocejou, felina.

O melhor da vida

Qual o melhor dote que a Natureza poderia dar á mulher? A Belleza.

Qual o melhor encanto que a mulher poderia offerecer á Natureza? A Belleza.

Portanto, as que, por qualquer motivo, perderam tão precioso dote, devem procurar rehavel-o, usando o Creme de Cera Purificado de Frank Lloyd que proporciona uma cutis clara, assetinada e sem manchas.

Cone. de LOCUÇÕES COMPLACENTES

socegada!

ELLE (surpreso) — Mas, Magda!...

ELLA — Deixa-me socegada; é o que te digo!

ELLE — Magda! não faças tolices!

ELLA (fechando o livro com violencia) — Esta manhã, tinhas os teus negocios; não é verdade?

ELLE — Sim.

ELLA — Eu tive, esta tarde, os meus!

(Apaga a luz. Noite completa).

Georges Courteline

Amor e prestação

Morenã, das mais lindas que Nictheroy tem produzido, a filha daquelle famoso amigo dos homens de imprensa despertou a sympathia do jovem medico, e querido mundano, tão conhecido do outro lado da Guanabara. As primeiras atenções, conseguiu-as o doutor com um vestido de oitocentos mil reis, que encantou a rapariga.

— E o resto? — indagou um dos amigos; — já conseguiste o resto?

— Qual, filho! — objectou o medico.

E num gesto largo:

— Quando é que eu acabo de pagar aquelles oitocentos mil reis, em prestações de cincoenta?

O presente do noivo

Foi um escandalo na familia, quando se soube do caso. O «almofadinha» foi expulso da casa, e o noivado considerado sem effeito.

Noivo desde janeiro deste anno, o formoso pelintrote, conhecido nas rodas da Brahma e de alguns clubs nocturnos, appareceu na residencia da noiva, no dia dos annos d'esta, com um lindo vestido para theatro. Uma semana depois, ao ser visitada por um tio, mille. mostrou-lhe o presente.

— Quem te deu isso? Foi Fulano?

— Foi.

— Pois, não o vistas.

— ?...

— Esse vestido era de uma cantora de «cabaret», que o usava no palco, e a quem elle pediu, para t'ó dar.

E era verdade.

Syphilis? Só LUETYL

LICOR — CAPSULAS — INJECCÕES

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

EXIR DE
SROGUEIRA